

O MERIDIONALISMO ITALIANO: A TERCEIRA VIA DA GEPOLÍTICA?¹

Rafael Regiani²

RESUMO

Originalmente o Meridionalismo era uma corrente de estudos voltada para a região sul da Itália, e visava compreender as razões do seu subdesenvolvimento. O objetivo deste trabalho é então trazer à tona as contribuições deixadas pelo Meridionalismo italiano no sentido de que essas lições também possam servir para a compreensão do subdesenvolvimento do Sul Global, o qual o Meridionalismo atual pretende representar geopoliticamente. Sendo o Meridionalismo Global uma doutrina em formação, justifica-se o estudo do Meridionalismo italiano e seus ensinamentos a serem aproveitados pelo primeiro. A metodologia adotada será realizar uma descrição comparativa entre os principais autores do Meridionalismo italiano.

Palavras-chave: Meridionalismo, Mezzogiorno, Sul Global.

RESUMEN

Originalmente el Meridionalismo fue una corriente de estudios centrada en la región sur de la Italia, y miraba comprender las razones del su subdesarrollo. El objetivo de este trabajo es traer a la superficie las contribuciones dejadas por el Meridionalismo italiano en el sentido de esas lecciones también pueden servir para comprender el subdesarrollo del Sur Global, lo cual el Meridionalismo actual pretende representar geopolíticamente. Siendo el Meridionalismo Global una doctrina en formación, justificase el estudio del Meridionalismo italiano y sus enseñanzas a ser aprovechados por aquél. La metodología adoptada será realizar una descripción comparativa entre los principales autores del Meridionalismo italiano.

Palabras clave: Meridionalismo, Mezzogiorno, Sur Global.

1. INTRODUÇÃO

A geopolítica contemporânea é caracterizada pelo choque geoideológico entre o Atlantismo ocidental e o Eurasianismo russo-chinês, de visões de mundo antagônicas, o primeiro sendo caracterizado por uma ordem mundial liberal, em que a economia ocupa um lugar de destaque na condução da humanidade, enquanto que o segundo se caracteriza pela formação de uma ordem mundial multipolar, em que a política ocupa o papel central no desenvolvimento humano. Haveria alguma alternativa que permitisse os países a escaparem desse dualismo? O Meridionalismo pretende ser essa alternativa. Tal corrente inclusive não é nova. Sua inspiração remonta ao grupo dos países chamados Não-Alinhados, agora modificado para a realidade geopolítica do século XXI.

¹ Trabalho financiado pela Fundação CAPES.

² Doutorando em Geografia Humana da Universidade de São Paulo - USP, rr.geousp@gmail.com;

O objetivo deste trabalho é buscar no Meridionalismo italiano inspirações que sirvam para a formulação do Meridionalismo Global. Justifica-se o estudo do Meridionalismo italiano com base na similaridade geográfica entre o Sul da Itália e o Sul Global, uma vez que ambos os universos podem ser considerados anfíbios, isto é, equilibrados na proporção entre terra e mar, além de marcados pela pobreza e subdesenvolvimento no quadro socioeconômico. O referencial teórico é fornecido pelo geógrafo inglês Halford Mackinder e pelo cientista político italiano Antonio Gramsci, capazes assim de construir um arcabouço teórico adequado a um estudo geopolítico, pois a Geografia Política nada mais é do que o ramo da Geografia que estuda as relações entre Espaço e Poder. Assim sendo, da geografia de Mackinder retiramos um espaço a ser ocupado, e da política de Gramsci uma teoria do poder a ser utilizado para ocupar esse espaço.

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, teórica e bibliográfica. Na primeira parte, a metodologia adotada será realizar uma comparação entre os principais autores do Meridionalismo italiano. Visando esse fim far-se-á inicialmente um levantamento bibliográfico das obras produzidas por essa escola de pensamento, seguidas pelo desenvolvimento da discussão entre alguns autores de mais relevância selecionados. Para dar conta da ampla abrangência político-ideológica dos autores *meridionalisti*, selecionou-se um autor de cada espectro político: Giustino Fortunato na extrema-direita, Francesco Saverio Nitti na centro-direita, Gaetano Salvemini na centro-esquerda e Antonio Gramsci na extrema-esquerda.

Na segunda parte, para estabelecer a relação entre o Meridionalismo Italiano e o Global o adotar-se-á um raciocínio analógico, como se os espaços em questão formassem uma geografia fractal³. Com isso queremos dizer que a geografia do Sul Global funciona como uma versão ampliada da geografia do Mezzogiorno, ou vice-versa, e que, portanto, o subdesenvolvimento do Hemisfério Meridional teria causas histórico-geográficas semelhantes ao do sul da Itália, estabelecendo a pertinência da relação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico utilizado na pesquisa foi a teoria geopolítica de Mackinder em relação ao Meridionalismo geopolítico. Mackinder versa sobre a existência de um heartland

³ Fractais são figuras geométricas que quando observadas mais de perto reproduzem-se em sequência, em tamanho menor ou maior.

meridional no interior da África, fato que foi menos explorado pelos teóricos geopolíticos que preferiram desenvolver as formulações do geógrafo britânico referentes ao heartland asiático, apontando aquela região do globo como sendo a condição sine qua non para uma potência alcançar a hegemonia mundial em seu famoso silogismo: “Quem conquista o Heartland, conquista a Ilha-Mundo. Quem conquista a Ilha-Mundo, conquista o Mundo”.

Porém, sendo o Meridionalismo Global uma geoideologia em construção que enfatiza o papel-chave do Sul Global nos destinos da geopolítica mundial, o heartland meridional africano é que se torna o território decisivo cujo controle permite a uma potência conquistar o Sul Global. O Heartland, como se sabe, é uma zona inacessível ao poder marítimo. No Heartland asiático isso se daria devido a existência de bacias hidrográficas endorréicas, cujos rios não correm para o mar. No caso do Heartland africano, a inacessibilidade ocorreria porque, apesar dos rios africanos desaguiarem no mar, a existência de grandes desníveis no interior planáltico do continente, restringiria a zona de navegação à estreita planície costeira (MACKINDER, 1919, pp. 103-104).

Mais além do Heartland meridional, estaria o Grande Promontório, uma área abrangendo toda a porção meridional do continente africano, desde as florestas equatoriais até o Cabo da Boa Esperança, envolvendo o heartland, equivalente ao rimland asiático. A junção do Heartland Meridional com o Grande Promontório em um espaço vertebrado por uma malha viária complexa e desenvolvida e organizado politicamente por um Estado formaria um poder anfíbio dispoendo dos recursos naturais continentais do Heartland e da insularidade e fácil acesso às rotas de navegação marítima do Grande Promontório (MACKINDER, 1919, p. 85).

Trata-se de inverter a fórmula de Mackinder, que afirma que a partir do Heartland oriental, uma potência expande-se na direção sudoeste da Ilha-Mundo para por fim conquistar o mundo todo, para se afirmar que partindo-se do Heartland meridional, expande-se para o nordeste do Grande Promontório para ao final conquistar o restante do mundo meridional tropical.

Completando o referencial teórico, acrescentamos a teoria da hegemonia cultural de Gramsci, que preconiza que a conquista do Estado e do poder político passa antes pela conquista da hegemonia cultural, isto é, da consciência ideológica das massas como forma de dar-lhes um sentido superior e despertar seu potencial revolucionário, uma vez que seu próprio entendimento da realidade é limitado e permeado pela ideologia burguesa presente nas diversas instâncias da vida social e produtiva. O Partido representa a consciência superior

e através de seus intelectuais orgânicos deverá guiar as massas ao processo revolucionário (GRAMSCI, 1978, pp. 24-25).

Adaptando-se a teoria política de Gramsci à realidade internacional, temos que a espontaneidade organizativa é um fator insuficiente para unir os países “proletários” do hemisfério meridional, uma vez que o processo de colonização histórica a que foram submetidos diferenciou culturalmente e geopoliticamente povos que outrora estiveram unidos, fazendo-os se sentirem mais ligados agora às suas antigas metrópoles burguesas do que entre si. Daí que o meridionalismo geopolítico pretenda ser a ideologia necessária para unir espiritualmente esse grupo de países, e Índia e Brasil, os países do hemisfério meridional que mais lograram êxito após obterem a sua independência, através de organizações políticas internacionais, tais como o IBAS, se comportem como o Partido/Príncipe detentor da consciência superior a guiar os países “proletários” meridionais à real emancipação do neocolonialismo contemporâneo desempenhado pela globalização em curso.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 - Geografia da Itália

A geografia da Itália é marcada por sua singularidade. Uma vez que o país todo está inserido na Península Itálica, - e apenas ele está nessa península -, a Itália não compartilha suas paisagens com nenhum outro dos países vizinhos, exceto pelas montanhas dos Alpes, na sua borda continental. Essa península se estende mais no sentido norte-sul, por quase 1.000 quilômetros, do que no sentido leste-oeste, adquirindo um formato prolongado porém estreito, se assemelhando ao que comumente se chama de uma bota.

As principais estruturas geomorfológicas do país são três: a já mencionada zona alpina, a Planície Padana e os Montes Apeninos, distribuídos de norte a sul nessa ordem no território. Os Alpes são uma região de altitudes elevadas e escarpas íngrimes, que restringem o povoamento basicamente aos vales. A Planície Padana é a uma região de terreno mais generoso, possuindo altitudes baixas, menor declividade, e irrigada por rios, formando uma zona fértil e amplamente favorável ao povoamento. Corresponde à região mais populosa e rica da Itália. Por fim, os Montes Apeninos ocupam a maior parte do território italiano, se estendendo do meio norte até a extremidade sul ao longo do interior do país. Comparado aos Alpes, os Apeninos possuem altitude e escarpas mais brandas, permitindo uma ocupação humana maior. Entre os Apeninos e o litoral, uma estreita planície costeira igualmente favorável ao assentamento humano completa o quadro físico da Península Itálica.

A hidrografia do país é marcada por rios curtos e de pouca extensão. Na zona alpina, os rios tem suas origens nas montanhas e seu regime de águas é dependente do derretimento da neve. No restante do país, ao longo dos Montes Apeninos, o volume dos rios depende do regime das chuvas para alimentá-los. O curso d'água de maior destaque é o rio Pó, que atravessa a Planície Padana e é o único rio navegável do país. Deste modo, enquanto o norte do país sofre com o excesso de água, o sul sofre com a escassez. O norte possui um regime de chuvas mais volumoso. Contudo a construção de canais de irrigação no período medieval permitiu uma maior produtividade agrícola na Padania. Até então era a região sul da Itália que se associava ao desenvolvimento agrícola. No entanto, a remoção das florestas originais para abertura de novas áreas de cultivo deixou o solo exposto à lixiviação pelo escoamento superficial da água pluvial, empobrecendo-o em nutrientes, o que fez despencar a produção agrícola do sul da Itália.

Na bacia do Mediterrâneo, a península Itálica ocupa uma posição central, o que dá a ela proximidade com o Norte da África e o Oriente Médio, na Ásia. Isso significa que o Mediterrâneo, mais do que separar, em realidade, une estas três regiões. O que garante a conexão é a grande quantidade de passagens marítimas estratégicas ligando o sul da Itália com as demais costas do Mediterrâneo. O Estreito de Otranto, na entrada do Mar Adriático, aproxima a Itália da Grécia; o Estreito de Messina, com 3,3 km de largura no menor trecho, aproxima a península da Sicília; e o Estreito da Sicília, com cerca de 145 km de largura, aproxima a Sicília da Tunísia, na África.

A diferença de grupos étnicos que povoaram a península se tornou com o passar do tempo em diferenciação cultural e social. O norte da Itália, unido ao norte da Europa pelos paços alpinos, foi invadido por visigodos, hunos, lombardos, austríacos, etc. O sul da Itália, unido ao norte da África pelos estreitos mediterrâneos foi invadido por gregos, cartagineses, árabes, normandos, etc. Conseqüentemente no norte da Itália acabou construindo-se uma tradição de divisão das terras feudais entre todos os herdeiros absorvida do direito feudal lombardo, ao passo que no sul prevaleceu uma tradição normanda aplicada no tempo de domínio franco que a terra é transmitida apenas ao primogênito, perdurando com o sistema feudal até o século XIX (LACOSTE, 2006, p. 189).

Na Antiguidade, quando o eixo econômico mundial girava em torno do comércio leste-oeste com as ricas regiões da Ásia através da Rota da Seda, o Mediterrâneo, destino final das caravanas oriundas do Extremo-Oriente, ocupava uma posição central no comércio mundial, beneficiando a todas as cidades que estavam às suas margens. A centralidade econômica do Mediterrâneo se manteve até o avanço do Islam e a abertura do Oceano

Atlântico pelas Grandes Navegações. O avanço do Islam pelos turco-otomanos monopolizou o comércio mundial mediterrâneo impondo taxas de navegação e provocando o declínio econômico. A abertura do Atlântico foi uma consequência do fechamento do Mediterrâneo à navegação europeia, e a descoberta de um novo caminho às Índias contornando a África diminuiu ainda mais a importância relativa do Mar Mediterrâneo. Com a região do Mar do Norte, no Atlântico aberto, se tornando o novo centro econômico mundial, o norte da Itália se transformou numa região privilegiada, próxima a esse centro, favorecendo a sua industrialização. O sul da Itália, por outro lado, se tornou uma região distante e periférica da nova geografia econômica europeia, e seu isolamento ainda era agravado pela ausência de uma boa estrutura viária que o conectasse com o norte do país.

O desenvolvimento científico no campo da medicina, aliado à melhora nas condições de vida, causaram a queda nas taxas de mortalidade infantil, que, sem ser acompanhadas de imediato por uma redução da taxa de natalidade, provocaram uma explosão demográfica. O fracasso da revolução agrícola na Itália manteve baixo a produtividade agrícola nacional, que se viu então incapaz de abastecer com alimentos toda a população, e assim gerando um quadro de superpopulação. Uma superpopulação pobre e insatisfeita é uma fonte potencialmente explosiva de tensões sociais para o Estado conter. Conseqüentemente incentivar a emigração do excedente demográfico foi uma solução encontrada.

A falta de lei e ordem era um problema exclusivo do sul da Itália. A competição pelos recursos escassos fazia com que ladrões e criminosos ganhassem influência na sociedade, pois por meio da atividade criminosa eles traziam recursos à comunidade, mesmo que em detrimento de outra comunidade. Por causa disso era difícil para as autoridades instituídas os combaterem, pois a população não cooperava com informações por medo ou porque no fundo os apoiavam. Some-se à convivência da população, ao terreno montanhoso, repleto de cavernas, frestas e outros esconderijos naturais, e à falta de boas estradas, dificultando o acesso aos pontos mais distantes do território, e se tinha um ambiente perfeito para a proliferação da delinquência e de redes mafiosas impondo sua própria lei onde a autoridade estatal não chegava (DUGGAN, 2016, p. 50).

No entanto, estudos meridionalistas posteriores revelaram ser falso que o fenômeno do banditismo fosse apenas de natureza delinquencial. Além do fenômeno ter razão social, a falta de consciência política fez o banditismo perdurar de 1860 até 1865, provocando uma repressão em que se empregou o dobro de tropas utilizadas na unificação. Aproximadamente 15 mil homens, não apenas criminosos mas também os que eram considerados cúmplices e

comparsas deles foram executados, e vilarejos inteiros foram incendiados por obra dos soldados piemonteses (RUSSO, 2011).

Em meio à dificuldade do Estado italiano para impor a lei e ordem a todo território nacional, a Igreja teve um sucesso maior em penetrar na sociedade fragmentária do sul da Itália, graças à assistência social que fornecia, mas também pela proximidade com os poderosos locais, uma vez que numa sociedade conservadora e atrasada como a existente no sul, a filiação a uma ordem religiosa ainda era vista como um símbolo de status. Ainda assim, até mesmo a Igreja tinha suas dificuldades em catequizar a população rural esparsa do sul da Itália. A maioria da missões jesuíticas se concentrava ao redor dos principais centros urbanos, e a fé praticada pela população estava longe de ser ortodoxa, misturando crenças cristãs com superstições e práticas pagãs (DUGGAN, 2016, pp. 48-50).

4.2 - Estudos prévios

Meridionalismo é o nome que se dá a uma corrente de estudos desenvolvida durante o século XX sobre os problemas do período pós-unificação ligados à integração do sul da Itália ao novo Estado italiano. Os estudiosos dessa corrente são chamados de *meridionalisti*.

O Meridionalismo italiano possui, entre seus pensadores, adeptos de diversas orientações teóricas: liberais, positivistas, democratas, socialistas, marxistas, cristãos, etc. Conseqüentemente diversas foram as abordagens realizadas da região do Mezzogiorno, abrangendo enfoque na geografia, história, economia, moral, que por sua vez reflete a diversidade de formação dos intelectuais *meridionalisti* – historiadores, economistas, políticos, etc.

Contudo o estudo científico do Mezzogiorno não se iniciou apenas com a formação da corrente de estudos acadêmicos do Meridionalismo, havendo aqueles que investigaram previamente a região sul da Itália, ainda que de forma não sistemática ou permanente. A raiz do meridionalismo italiano remonta ao período do *Settecento Napolitano* (MARTIN, 2018, p. 148).

Entre os precursores dos *meridionalisti* estão nomes como Antonio Genovesi (1713 – 1769) e Carlo Afan de Rivera (1779 – 1852). Genovesi, filósofo e economista, apontava dois problemas no sul da Itália: a educação era inadequada, pois não era em italiano, mas em dialetos locais, e a agricultura atrasada causava despovoamento e fome no Reino de Nápoles. Já Rivera era um alto funcionário da administração borbônica no Reino das Duas Sicílias, e descreveu a situação de atraso da agricultura e do sul da Itália antes da unificação.



Benedetto Croce, em sua obra *Storia del Regno di Napoli*, aponta o início da formação do Mezzogiorno como um objeto de investigação e reflexão no texto *Inchiesta in Sicilia* (1877), de autoria de Leopoldo Franchetti e Sidney Sonnino. A primeira metade do inquérito, escrita por Sonnino, é sobre as condições de vida dos camponeses sem terra na Sicília, enquanto que a outra metade do relatório é escrita por Franchetti e versa sobre a relação entre máfia, poder político e sociedade, e considerado fundamental nos estudos criminológicos do sul da Itália.

Franchetti e Sonnino foram um dos primeiros pensadores a colocar a questão meridional como um problema nacional, e não regional, e elaboraram um plano para solucioná-lo. Eles se espantavam com a popularidade que as ideias de pan-destruição do anarquista russo Mikhail Bakunin tinham entre os camponeses do sul da Itália alimentando um espírito insurrecional contra as arbitrariedades cometidas pelos grandes proprietários de terra e as más condições de vida. Em seu ponto de vista Franchetti e Sonnino argumentavam, então, pela formação no Mezzogiorno de uma classe média que funcionasse como ‘opinião pública’ e equilibrasse, de um lado, o radicalismo dos pobres camponeses e, do outro lado, os excessos praticados pelos grandes proprietários de terras (GRAMSCI, 1978, pp. 191-192).

Destaca-se também a fundação da *Associazione per la Difesa degli Interessi del Mezzogiorno* (ANIMI) em 1910 por Umberto Zanotti Bianco, em torno da qual se agremiaram vários intelectuais *meridionalisti* (RUSSO, 2011).

No geral, as causas apontadas para o subdesenvolvimento do sul da Itália variam desde um favorecimento do norte do país na destinação de recursos econômicos pelo Estado italiano a uma aliança entre as classes dominantes industrial do Norte e latifundiária do Sul, ou à incompetência administrativa das elites do Sul, que não eram capazes de gerir os Estados sulinos de forma eficiente no período pré-unificação da Itália.

Variando juntamente das causas, estavam as soluções propostas para superar o quadro de subdesenvolvimento do sul da Itália. Havia os que defendiam o protecionismo estatal como meio de industrializar a região, e os que defendiam a vocação agrícola como melhor caminho para o progresso da região, conforme se verá a seguir:

4.3 - Giustino Fortunato

Giustino Fortunato (1848 – 1932), político e historiador, foi o primeiro grande *meridionalisti*. Nascido na Basilicata em uma família de proprietários de terra, cursou Direito na Universidade de Nápoles. Eleito pela primeira vez para a Câmara de Deputados em 1880, posteriormente se tornou Senador da Itália, cargo que ocupou até 1919, quando se aposentou

da atividade política. Fundou um grupo de pensadores *meridionalisti* juntamente de Francesco Saverio Nitti, Gaetano Salvemini e outros. Fora ele que forjou a expressão “Questão Meridional”.

Fortunato era defensor do Estado unitário, mas reconhecia que a unificação foi a ruína econômica do sul. Afirmava que políticas econômicas do Estado italiano discriminavam as províncias do Sul em favor do norte do país. Apontava que o problema do sul era a pobreza e que a região não era fértil devido ao clima e o solo, não sendo suscetível a outro tipo de produção que não fosse a agrícola. Porém, era pessimista quanto ao potencial do sul e a esperança de salvação do norte. Também entendia que a emigração tinha a função inevitável de aliviar a pressão demográfica

Fortunato possuía uma noção de dualidade territorial norte-sul na história e geografia da Itália em razão das peculiaridades de um ambiente heterogêneo que dividia a península em duas áreas, separadas pelo rio Tibre no meio. O nó central da crise do Estado italiano estava nessa discrepância. Escreveu certa vez: “Há ainda só duas Itálias, não só economicamente desigual, mas moralmente diversa. Esse o verdadeiro obstáculo na formação de uma futura equipe, disto deveríamos todos finalmente nos convencer” (FORTUNATO apud RUSSO, 2011, tradução nossa).

Sua crítica ao Reino das Duas Sicílias era dirigida aos gastos excessivos com pessoal das forças armadas em detrimento dos serviços públicos e obras de infra-estrutura. Acrescentava também que os impostos, apesar de baixos, eram mal distribuídos, incidindo sobretudo em tarifas alfandegárias, o que afetava o comércio; na agricultura, prejudicando a competitividade da principal atividade econômica do reino; e no consumo das classes trabalhadoras, dificultando o acesso aos bens. Por outro lado, as heranças eram isentas, o que beneficiava os ricos. Deste modo, embora a renda per capita do reino fosse menor que em um Estado do norte, seus cidadãos pagavam proporcionalmente à sua renda mais impostos do que no norte, mantendo um padrão de vida baixo (FORTUNATO, 1911, pp. 336-337).

Fortunato negava, assim, a ilusão folclórica de um Mezzogiorno rico e feliz no período pré-unificação, e lutava por uma política geral que atendesse as necessidades do Mezzogiorno sem alimentar a falsa ilusão sobre a capacidade da burguesia meridional participar de seu renascimento. (RUSSO, 2011).

4.4 -Francesco Saverio Nitti

Francesco Saverio Nitti (1868 - 1953) foi economista, ministro e Primeiro-Ministro da Itália entre os anos de 1919 e 1920. Filho de um professor de matemática, era natural da

Basilicata de uma família marcada por cultivar ideais seculares e patrióticos. Seu pai mesmo era um republicano socialista de comportamento rebelde, pelo que acabava se envolvendo em problemas com as autoridades. Graduou-se em Direito na Universidade de Nápoles, local em que conheceu Fortunato, tendo sido influenciado por ele em sua formação política e cultural.

Rejeitava a tese da pobreza secular do Mezzogiorno de Fortunato e afirmava que havia uma lacuna mínima entre o norte e o sul antes da unificação nacional. Para ele o Reino das Duas Sicílias era um pouco mais atrasado do que os Estados do norte, adotava um modelo econômico estático, e faltava uma visão estratégica. Dizia que o reino cobrava poucos impostos acreditando que apenas isto bastava para promover o bem-estar do povo, e conseqüentemente o Estado investia pouco. Contudo, Nitti reconhecia também que as finanças dos Bourbon eram caracterizadas por um paternalismo honesto.

Nitti apontava que a causa da crise no Mezzogiorno era porque historicamente o Sul havia dado mais recursos humanos e materiais do que o Norte e recebido menos em troca. Ao mesmo tempo, criticava o regime aduaneiro, que favorecia as províncias do Norte, bem como apontava a disparidade no sistema tributário, que pesava mais sobre as cidades do Sul. Ele indica duas datas fatais na exploração do Sul pelo Norte: os anos de 1860, quando se fez a drenagem da riqueza monetária do sul, que era segundo o autor, muito maior do que a do Reino de Piemonte, e 1887, ano em que foram adotadas tarifas alfandegárias protecionistas. Se não bastasse isso, o sul da Itália era mantido quase como um feudo eleitoral, fonte de votos para políticos do norte, sem permitir uma maior participação de sulistas na administração pública.

Mesmo com todas as críticas ao favorecimento do Norte e desinteresse pelo Sul por parte do governo central, Nitti não isenta as elites sulistas de críticas, acusando-as de preocuparem-se em geral com assuntos menos importantes e frivolidades, e também às populações meridionais, alegando que eram dissociadas ou anti-sociais, possuíam baixo espírito de união e solidariedade, falta de espírito de trabalho na classe-média e pouco interesse pela política, como fatores corresponsáveis pelo atraso do Mezzogiorno. Acerca de uma inadequação moral do sul da Itália, Nitti estabelecia um contraste entre a moral pública e a moral privada, alegando que, se de um lado a moral pública no sul da Itália era menor, de outro lado a moral privada das famílias era superior às do norte (NITTI, 1900, pp. 9-11).

Nitti pensava que o desenvolvimento do sul só seria possível através da industrialização. Atuou pela criação de uma legislação especial para Nápoles, com isenções, reduções de imposto, visando favorecer a formação de uma classe de pequenos agricultores e empreendedores, que apostava serviria como um polo difusor da industrialização do

Mezzogiorno. Ele concordava com Fortunato que a emigração servia para aliviar a pressão demográfica. (RUSSO, 2011)

4.5 -Gaetano Salvemini

Gaetano Salvemini (1873 – 1957) foi um historiador e político italiano. Era natural da Apúlia, vindo de uma família de agricultores e pescadores. Graduado em Literatura, especializou-se posteriormente em história medieval, chegando a dar aulas de história e geografia em escolas da Itália, antes de ser convidado a lecionar língua italiana na Universidade de Harvard, nos EUA.

Possuía uma orientação socialista, porém influenciado pelo positivismo e pelo liberalismo democrático, um pensamento cujas raízes remetiam ao republicanismo radical do *Risorgimento* italiano. Era filiado ao Partido Socialista Italiano, de onde tentava liderar as posições socialistas no interior do movimento Meridionalista.

Salvemini era adepto de doutrinas federalistas e em favor da classe trabalhadora do sul da Itália. Afirmava que a redenção das massas passava por uma transformação federal do Estado italiano, e que o centralismo havia causado danos à Itália, particularmente ao sul do país. Em sua visão o Estado burguês centralizado e uma aliança do capitalismo explorador do norte com os grandes proprietários fundiários do sul retinham a ascensão econômica da classe trabalhadora. Para ele, a solução passava por uma aliança entre os trabalhadores do norte e os camponeses do sul, e uma difusão do socialismo através do sufrágio universal, sendo que o motor para o desenvolvimento nacional deveria ser o triunfo da democracia sobre as forças conservadoras a partir da cidade de Milão.

Anticlerical, Salvemini defendia o Estado laico por aversão à religião católica, ao mesmo tempo em que era anticomunista, motivo pelo qual se opôs a aproximação entre o Partido Socialista Italiano e o Partido Comunista Italiano, de Gramsci.

Salvemini era um pensador meridionalista de inclinação liberal em alguns aspectos e, em outros, mais próximo do socialismo. Achava Nitti um conservador. Em sua polêmica com Nitti sustentou a adoção do federalismo estatal, a abolição de taxas alfandegárias, do protecionismo industrial e a formação de uma camada de pequenos proprietários de terra capaz de eliminar o latifúndio (RUSSO, 2011).

4.6 -Antonio Gramsci

A interpretação de Gramsci sobre o Mezzogiorno está exposta no escrito *Alcuni temi della questione meridionale*, publicado em 1930 na revista *Lo Stato Operario*. Esta obra

começa com uma crítica ao programa dos comunistas de Turim, que apostavam na solução do problema meridional numa divisão mecânica do latifúndio entre os trabalhadores rurais. Gramsci critica essa visão simplista do funcionamento da sociedade no Mezzogiorno, que os turineses não eram capazes de compreender completamente em sua singularidade (GRAMSCI, 1978, pp. 172-173).

De acordo com Gramsci, no sul da Itália a sociedade formava um grande bloco agrário dividido em três estratos sociais: uma grande massa camponesa amorfa e desagregada, intelectuais da pequena e média burguesia rural, e grandes proprietários de terras e grandes intelectuais. Os camponeses como massa não possuíam coesão e eram incapazes de encontrar uma expressão centralizada para suas aspirações e necessidades, daí que intelectuais com origem na pequena e média burguesia rural ocupassem esse papel, tirando estímulo da base camponesa para sua atividade política e ideológica. Acima deles, os grandes proprietários em conjunto com os grandes intelectuais centralizavam o complexo das manifestações do bloco agrário meridional. Se o pequeno intelectual intermediava a relação do camponês com o latifundiário, o grande intelectual intermediava a relação do Mezzogiorno com o restante da Itália (GRAMSCI, 1978, pp. 190-191). Gramsci, então, substitui a visão de um conflito de interesse entre duas regiões nacionais por um conflito de classe entre operários e camponeses versus industriais, latifundiários e intelectuais de classe média (MARTIN, 2018, p. 150).

A divisão Norte-Sul refletia-se no campo intelectual, havendo dois tipos de intelectuais na Itália: um moderno, que se desenvolvia no norte do país, e o tradicional, presente no sul da península. O intelectual moderno se desenvolvia para atender as necessidades da indústria e assumia a forma de um organizador técnico, especialista em ciência aplicada. Mas no Mezzogiorno prevalecia o intelectual tradicional. Seu posicionamento intelectual refletia a sua posição social intermediária. Ele era democrático quando estava do lado do camponês, e reacionário quando estava do lado do proprietário de terras ou do governo, um politiquês, corrompido e desleal. Sua origem social era no pequeno e médio proprietário de terra, e ele almejava viver de renda (GRAMSCI, 1978, pp. 188-190).

A atividade intelectual, mesmo quando não religiosa, pertence ao estrato social do clero, o conjunto dos homens sábios, que detem o conhecimento de uma determinada sociedade. Deste modo a natureza do intelectual reproduzia as mesmas relações e vícios que se podia encontrar no clero, uma diversidade que não era imune à divisão norte-sul do país. No clero setentrional, o padre era geralmente filho de artesãos, democrático, mais ligado aos camponeses e possuía uma moralidade mais correta, graças à uma maior separação que existia

entre Igreja e Estado no norte da Itália, restringindo o padre às atividades espirituais, deixando-o de fora da política. Porém no Mezzogiorno, a separação entre Igreja e Estado era menos clara, conseqüentemente, o padre acumulava não só funções espirituais, mas também era um administrador de terras, o que o colocava em conflito com os camponeses, um usurário que se servia do elemento religioso para cobrar juros altos, e não raro, era também um dirigente familiar que convivia com uma mulher. Todos esses fatores tornavam o padre meridional um homem submetido às paixões comuns, como dinheiro e amor (GRAMSCI, 1978, p. 189).

O triunfo do proletariado setentrional na luta de classes na Itália só seria possível através de uma aliança com os camponeses do sul. O primeiro, através de seus intelectuais mais progressistas e democráticos, se tornaria no novo protagonista da questão meridional, inaugurando uma nova etapa histórica do Mezzogiorno, e encerrando ao que Gramsci chama de ‘fase concretista’ do meridionalismo italiano, quando a vanguarda meridional era representada pelos grandes intelectuais tradicionais, tais como Fortunato, Nitti e Salvemini. O concretismo, diz Gramsci, tendia a fragmentar o Mezzogiorno como objetivo de estudo, abordando-o excessivamente em seus aspectos singulares e perdendo a essência política do problema (GRAMSCI, 1978, p. 174). E mais, Fortunato era considerado por Gramsci como intelectual reacionário. Nitti era chamado de agente do capitalismo setentrional na região meridional e cúmplice dos saques de recursos financeiros locais. E Salvemini era taxado de representante do socialismo burguês, que mantinha o movimento operário aliado com a classe capitalista, e afastado das fileiras revolucionárias do Partido Comunista Italiano.

O bloco agrário funcionava como um intermediário e vigilante do capitalismo industrial setentrional e dos bancos. O objetivo do bloco agrário era a conservação do status quo, e o bloco intelectual mitigava as tensões de classe entre a massa camponesa e os grandes proprietários, preenchendo o fosso social que existia entre as duas classes. Daí que a revolução não seria possível apenas com a tomada dos meios de produção, no caso as terras, pelos trabalhadores rurais e sua repartição automática, como os jovens comunistas turineses pensavam. Era preciso ganhar primeiro a batalha no campo cultural, destronando os grandes intelectuais meridionalistas no topo do bloco agrário, e os substituindo pelos intelectuais do proletariado nortista como organizador da massa camponesa do sul.

Gramsci estabelece também uma ponte entre local e global ao relacionar a questão meridional com o “desenvolvimento internacional do capitalismo na Europa, caracterizado pela dominação, pelas zonas superindustrializadas das ilhotas de subdesenvolvimento” (MACCHIOCCHI apud MARTIN, 2018, p. 150), rompendo, assim, com a visão regionalista

costumeira de que os problemas do Mezzogiorno fossem causados exclusivamente por sua natureza geográfica, ou no máximo como um problema inter-regional entre duas partes da Itália.

No geral, Gramsci pensava que o problema do sul da Itália era insolúvel no sistema político pós-unificação e perpetrado pelo fascismo, que via como o braço armado da reação burguesa na Primeira Guerra Mundial. Apontava uma aliança entre o capitalismo industrial do norte e os grandes proprietários fundiários do sul como causa do empobrecimento da classe trabalhadora e atraso do sul. Para Gramsci o comprometimento da classe hegemônica da população ocupava uma posição análoga às das sociedades coloniais, isto é, os latifundiários e a burguesia sulista colocavam-se numa categoria de uma colônia diante da metrópole, numa espécie de colonialismo interno na Itália. A redenção do Mezzogiorno, portanto, era impossível sem o amadurecimento da classe urbana do sul e a transformação da classe dominante.

5. MERIDIONALISMO ITALIANO E MERIDIONALISMO GLOBAL

Viu-se anteriormente que o Meridionalismo italiano nasceu pela necessidade de se enfrentar os problemas pertinentes à integração do sul da Itália ao novo Estado nacional pós-unificação, processo unificador este que foi realizado sob a liderança de um poder político do norte da Itália, o Reino de Piemonte-Sardenha, e que claramente saiu favorecido nas novas relações políticas e regionais firmadas no interior do Estado italiano, conforme apontam os estudiosos *meridionalisti*. Tal favorecimento político e financeiro levou à canalização e transferência de recursos meridionais para o norte fazendo com que a região se sobressaísse economicamente em relação ao restante do país e provocando pobreza no Mezzogiorno. Da miséria econômica e social provocada pela unificação derivam-se quase todos os outros problemas apontados pelos *meridionalisti* no sul da Itália: a emigração, a criminalidade, a persistência de uma forte religiosidade, etc.

Se reparar-se bem, as dificuldades enfrentadas pelo sul da Itália em muito se assemelham às mazelas que afligem os países do chamado Sul Global. Tal semelhança não é por acaso, mas resultado de um processo histórico similar experimentados por este conjunto de países, que foram colonizados por Estados do hemisfério norte, e tiveram seus recursos naturais igualmente explorados pelas metrópoles para acumularem riquezas ou acelerarem sua própria industrialização. E os problemas econômicos e sociais que os países do Sul Global atualmente sofrem são basicamente os mesmos que o Mezzogiorno sofria: economia primária agroexportadora, pobreza, emigração, criminalidade, desmatamento, fervor religioso, etc.

Dessa realidade do Sul Global análoga ao caso italiano é que surgiu o Meridionalismo geopolítico. O geopolítico André Martin remete a origem do Meridionalismo geopolítico ao mundo pós-Guerra Fria, quando a globalização econômica em curso se deparou com a dificuldade de integração dos países do Sul Global que viviam até então sob regimes econômicos antagônicos – capitalista e socialista –, somada a uma percepção da assimetria no poder global entre as ‘potências do Norte’ e as ‘impotências do Sul’. Tal cenário fez Martin pensar na emergência de uma questão meridional em escala global. O Meridionalismo geopolítico nasce da combinação de marxismo gramscista com a teoria geopolítica (MARTIN, 2018, p. 152)

O Meridionalismo geopolítico difere-se do Meridionalismo geral italiano no sentido de que este último é um conjunto de ideias e práticas de variadas conotações político-ideológicas, ao passo que o primeiro parte da premissa do conflito de interesses no interior do sistema de Estados. Ou seja, o Meridionalismo italiano é um tema intranacional voltado para os dilemas da incompletude da modernização capitalista do Mezzogiorno, enquanto que o Meridionalismo geopolítico é um tópico internacional relacionado à inserção subordinada da periferia meridional do mundo na nova ordem internacional devido às dificuldades criadas pelo desenvolvimento desigual e combinado da globalização liberal. Essa dimensão internacional do Meridionalismo geopolítico é a que o Meridionalismo italiano original, limitado a uma escala sub-regional, não abarca, e aquele pretende desenvolver (MARTIN, 2018, p. 148).

Antonio Chiochi constroi um útil quadro sinótico sistematizando as representações que se faz do Sul da Itália e que bem servem também para representar as imagens que se tem do Sul Global: “a) o Sul como sistema não-modernizado; b) o Sul como sistema antimodernização; c) o Sul como unidade diferenciada de subsistemas modernizados”. (CHIOCCHI apud MARTIN, 2018, pp. 149-150, tradução nossa). Na primeira representação o Sul é concebido como um sistema não-modernizado, ou ainda pré-modernizado, assumindo a feição de uma região arcaica e atrasada, que não teve contato e desconhece ainda a modernidade, um remanescente de uma formação social anterior ao capitalismo. Na segunda representação, o Sul é pensado como um sistema antimodernização, isto é, ele já teve contato com e conhece a modernidade, no entanto resiste à ela, se comportando como uma força contrária aos estímulos modernizadores oriundos do Norte, numa lógica histórica produtora de contradições. O Sul não é atrasado, mas reacionário. Por fim, na terceira representação, o Sul é tido como um subsistema diferenciado da modernização, ou seja, não é que ele resista à modernidade, mas se moderniza a um ritmo mais lento do que o Norte acelerado, devido às

suas peculiaridades. O Sul não seria reacionário, mas apenas uma sociedade de tempo lento, talvez em função de sua distância em relação ao Norte central, em que a difusão das inovações advindas do Norte central sofre um *delay* temporal conforme a distância espacial para o Sul periférico aumenta, gerando um *gap* de desenvolvimento entre as duas áreas.

E. Cassano propõe em “não pensar mais o Sul a partir da modernidade, mas, ao contrário, a modernidade a partir do Sul” (CASSANO apud MARTIN, 2018, p. 158). Partindo dessa premissa Martin tenta construir o Meridionalismo geopolítico como uma geoideologia capaz de erigir uma tábua de valores que represente o ponto de vista do Sul Global na ordem internacional. Martin reconhece, no entanto, que, ao contrário de suas geoideologias adversárias, o meridionalismo geopolítico ainda não tem uma axiologia própria e põe a construção desse sistema de valores basilares juntamente na defesa da paz e da busca por um mundo mais equilibrado e justo como os objetivos do meridionalismo geopolítico na era em curso (MARTIN, 2018, pp. 159-160).

Suas geoideologias concorrentes são o Atlantismo ocidental e o Eurasianismo oriental, representando o universo marítimo e o universo terrestre, respectivamente. O Atlantismo tem como seus valores característicos o individualismo, o liberalismo e a democracia. De outro lado, o Eurasianismo tem como valores marcantes o autoritarismo, a hierarquia e princípios nacionais-estatais (REGIANI; MARTIN, 2018, p. 150).

O Atlantismo ocidental tem nos EUA a sua potência promotora, uma vez que os EUA, filhos da talassocracia imperial britânica, reproduzem a geografia insular da ex-metrópole, porém de um modo ampliado, tornando-o no mais poderoso Estado insular da história, capaz de se projetar geopoliticamente ao longo de todo o Grande Oceano global. O Eurasianismo, por sua vez, tem na Rússia a sua principal potência propagadora, uma vez que a Rússia é o maior e mais poderoso Estado continental e ocupa o Heartland do maior continente do planeta, a Eurásia, por onde projeta sua força, ou mais amplamente na Ilha-Mundo de Mackinder.

Já o Sul Global é marcado pela existência de várias massas continentais – América do Sul, África, Australásia, Antártida – separadas por várias bacias oceânicas – Atlântico Sul, Índico, Oceano Antártico – sem ter uma predominância clara dos dois universos, e sim sendo marcado pela mistura de ambos, tendo então um caráter anfíbio típico das penínsulas, formações geográficas em que a terra e o mar se encontram, no que é mais uma semelhança com a origem peninsular do meridionalismo italiano (MARTIN, 2018, p. 159). As principais potências defensoras do Meridionalismo geopolítico seriam Brasil e Índia em co-parceria,



uma vez que são os países do antigo mundo colonial que mais lograram êxito, tendo então uma parcela de responsabilidade maior junto a esse grupo de países.

O Brasil seria o herdeiro natural do Império Português. Da mesma forma que os EUA se tornaram uma Grã-Bretanha enorme e mais poderosa e a substituíram no comando da talassocracia global, o Brasil seria uma versão maior e mais potencializada de Portugal, um imenso Estado costeiro no Atlântico Sul, e que graças à mestiçagem com os povos nativos adquiriu deles a habilidade terrestre necessária para conquistar o interior continental sul-americano e criar um país híbrido (REGIANI, 2020, p. 51). Daí que a projeção geopolítica brasileira teria o mesmo alcance do antigo Império Português, mas indo além dele, uma vez que Portugal também era uma talassocracia que comandava os mares do sul, incluindo ilhas estratégicas, e limitava sua presença nos continentes descobertos a estabelecer feitorias na costa. Porém, o Brasil, sendo anfíbio, teria a capacidade de preencher os mesmos espaços que Portugal outrora ocupou, mas penetrando também na hinterlândia desses espaços. O meridionalismo geopolítico é o discurso de legitimação ideológica necessário que falta para respaldar tal política (MARTIN, 2018, pp. 155-156).

A Índia, de outro lado, é o maior Estado peninsular do mundo, se projetando centralmente sobre toda a bacia do Oceano Índico. Também é o país mais populoso do mundo, dotado de um dos maiores contingentes militares do globo, equipado com ogivas atômicas, e nos últimos anos entrou para o ranking das maiores economias do mundo. Tais capacidades a qualificam a desempenhar um papel importante no grupo dos países em desenvolvimento como a “voz do Sul”, papel que ela já desempenhava desde a época do Movimento dos Países Não-Alinhados, quando a figura do primeiro-ministro Jawaharlal Nehru era uma das principais do movimento, junto ao presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, o primeiro-ministro malaio Ahmed Sukarno e o presidente iugoslavo Marechal Broz Tito. No entanto, nessa época, dada as limitações econômicas e militares da Índia recém-independente, a política externa indiana era baseada sobretudo em um soft power moral herdado do pacifismo de Mahatma Gandhi e da luta contra o colonizador britânico, em que ela se limitava a apoiar diplomaticamente os movimentos independentistas da África e Ásia. Agora, dotada de uma economia mais robusta, a Índia tem condições de desempenhar uma política mais assertiva nessa região do globo, baseada em cooperação econômica, tecnológica e militar no sentido de capacitar os países que ela outrora ajudou a se tornarem independentes.

Se o Meridionalismo era originalmente italiano, o Meridionalismo global é indiano, no sentido de ser a Índia uma grande Itália. A Itália está encaixotada entre os Alpes e o Mediterrâneo; a Índia, entre o Himalaia e o Índico. A Itália possui ao norte sua maior planície

atravessada por seu principal rio, o Pó; a Índia possui ao norte a vasta planície indogangética banhada por seu maior rio, o Ganges. No restante de seu território a Itália é cortada pelos Montes Apeninos; a Índia, pelos montes Gates ocidentais e orientais. A Itália possui no extremo-sul a ilha da Sicília; a Índia, o Sri Lanka. A Itália abriga o Estado do Vaticano, residência do Papa, a principal liderança religiosa ocidental; a Índia, o governo tibetano no exílio em Dharamsala, encabeçado pelo Dalai-Lama, o “Papa” do Oriente. Karl Marx também compartilhava essa visão da Índia como sendo uma Itália de grandes dimensões, ‘asiáticas’ no dizer dele:

Hindustão é uma Itália de dimensões asiáticas, o Himalaia está para os Alpes, as Planícies de Bengala para as Planícies da Lombardia, o Decã para os Apeninos, e a ilha de Ceilão para a ilha da Sicília. A mesma rica variedade nos produtos do solo, e o mesmo desmembramento na configuração política. Exatamente como a Itália, de tempos em tempos, foi comprimida pela espada do conquistador em diferentes massas nacionais, o mesmo nós encontramos no Hindustão, quando não sob pressão dos maometanos, ou dos mongóis, ou dos britânicos, dissolvido em tantos Estados independentes e conflitantes quanto numerosas cidades, ou mesmo vilarejos [...] (MARX apud REGIANI, 2015, p. 62)

Da mesma forma que os EUA são uma grande Grã-Bretanha e a potência por trás do Atlantismo global, da mesma forma que o Brasil é um grande Portugal, a geografia da Índia reproduz de maneira ampliada e potencializada a geografia da Itália, e conseqüentemente, o meridionalismo indiano possui maior alcance geopolítico do que o original italiano. Por conseguinte, caberia à Índia, em conjunto com o Brasil, ser a potência promotora da geoideologia meridionalista ao nível global.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três são as geografias fronteiriças. A primeira delas é a geografia insular, caracterizada por um Estado cujas fronteiras sejam 100% marítimas, e que por necessidade geoestratégica desenvolve o poder marítimo como forma de dissuasão militar. Geoideologicamente o Estado insular, geralmente um importador de matérias-primas, defende a liberdade dos mares por onde sua economia precisa navegar para funcionar regularmente. Dessa liberdade dos mares fundamental derivam-se os valores liberais típicos do Atlantismo. A segunda geografia é a do tipo continental, identificada com a de um Estado cujas fronteiras sejam 100% terrestres, e que por necessidade geoestratégica desenvolve o poder terrestre como forma de defesa territorial, uma vez que suas fronteiras usualmente estão em terreno plano e de fácil travessia por outros exércitos. Dessa necessidade imperativa de afirmar sua soberania nasce a geoideologia do Estado continental e os valores nacionalistas a ela associados.

Chega-se, então, à terceira geografia política, a do tipo anfíbia, que ocorre quando o quociente terra-mar das fronteiras de um Estado é de aproximadamente 50%-50% para cada elemento. Em geral esta condição ocorre em Estados peninsulares, pois é nas penínsulas que o continente avança sobre o mar, ou o mar adentra o continente através de baías ou golfos, criando um universo anfíbio e misto dos dois. Quais valores sociais a consciência geográfica desenvolvida por este tipo de Estado deve eleger: os valores liberais marítimos do Atlantismo americano ou os valores conservadores terrestres do Eurasianismo russo? A geografia intermediária do Estado peninsular não o permite adotar plenamente nenhum dos dois sistemas de valores. Ainda sem saber qual é a sua axiologia própria, o Meridionalismo geopolítico pretende ser a geoideologia associada ao Estado peninsular, servindo como uma terceira via geopolítica capaz de romper o dualismo moral no âmbito internacional.

Analisando-se a discussão desenvolvida no caso italiano, pode-se ver que muitas das razões do subdesenvolvimento apontadas também podem ser aplicadas ao contexto histórico-geográfico dos países do Sul Global. Tal como no caso da Itália, também se verifica a nível global uma divisão Norte-Sul acentuada em que o hemisfério Norte é industrial e rico, e o Sul é agrário e pobre. Um Estado de mentalidade paternalista e pouco dinâmico, herdado do período colonial, agindo como um fator limitante também é uma característica comum ao Mezzogiorno e ao Sul Global, pelo menos na América Latina, uma vez que ambas as regiões foram colonizadas pela Espanha, e no caso do Brasil, por Portugal, que não deixa de ser a mesma cultura ibérica, que compartilha muitas similaridades e, portanto, também vícios.

Adaptando-se as formulações de Mackinder aos propósitos do Meridionalismo geopolítico, pode-se reelaborar o silogismo mackinderiano da seguinte maneira: “Quem conquistar o Heartland Meridional conquista o Grande Promontório africano. Quem conquistar o Grande Promontório africano conquista o Hemisfério Meridional”. E de que maneira poderiam as impotências do Sul Global ocuparem o heartland meridional visando a sua emancipação do imperialismo global? Afinal, se são impotências não dispõe de um aparato econômico e militar adequado para fazer frente às potências do Norte. Então entrariam as contribuições do gramscismo ao meridionalismo geopolítico. Tendo o marxista italiano afirmado que a força-chave para a conquista do poder político na sociedade meridional italiana seria obter a hegemonia cultural no interior dela, para as impotências do sul ocuparem o heartland meridional elas deveriam se utilizar da guerra cultural como geoestratégia se valendo do fato que as sociedades do universo meridional seriam sacerdotais, isto é, a classe social mais forte é a dos sábios e intelectuais, e onde essas sociedades levariam vantagem em relação às formações sociais concorrentes do Norte.

DUGGAN, Christopher. História concisa da Itália. São Paulo: Edipro, 2016.

FORTUNATO, Giustino. Il Mezzogiorno e lo Stato Italiano: discorsi politici (1880-1910), V. 2. Bari: **Gius Laterza & Figli**, 1911.

GRAMSCI, Antonio. Escritos Políticos, V. IV. Lisboa: **Seara Nova**, 1978.

LACOSTE, Yves. A Geopolítica do Mediterrâneo. Lisboa: Edições 70, 2006.

MACKINDER, Halford J. Democratic Ideals and Reality: a study in the politics of reconstruction. London: Constable and Company, 1919.

MARTIN, André Roberto. Brasil, Portugal e o meridionalismo geopolítico. In: MACHADO, Monica Sampaio; BARBOSA, Jorge Luiz (orgs.). Entre Brasil e Portugal: aproximações geográficas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.

NITTI, Francesco S. Nord e Sud. Torino: **Roux e Viarengo**, 1900.

REGIANI, Rafael; MARTIN, André Roberto. Geopolítica e Geoideologia na Atualidade: rumo ao pluralismo ideológico? **Revista de Geopolítica**, V. 9, Nº 2, PP. 142-156, jul./dez. 2018.

REGIANI, Rafael. Meridionalismo: o novo paradigma da geopolítica brasileira?. **Revista de Geopolítica**, V. 11, PP. 48-61, 2020.

_____. A Localização Estratégica de Nova Delhi para a Geopolítica da Índia. **Revista de Geopolítica**, V. 6, Nº 2, PP. 52 -69, jul./dez. 2015.

RUSSO, Giovanni. MERIDIONALISMO. In: Dicionario del liberalismo italiano. Editora Rubbettino, 2011. Disponível em: <https://www.bibliotecaliberale.it/glossario/m/meridionalismo/>. Acessado em: 19/04/2023.